



Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação

*Iniciacom – Revista Brasileira
de Iniciação Científica em
Comunicação Social*

O CORPO DROGADO EM HOUSE M.D.: TRAZENDO NOVAS QUESTÕES AO DEBATE

THE DRUGGED BODY IN HOUSE M.D.: BRINGING NEW ISSUES TO DEBATE

LÍVIA CUNTO¹; MOHAMMED ELHAJJI²

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)

Resumo: O trabalho analisa a série de televisão *House M.D.* buscando evidenciar como a construção de um corpo drogado é essencial para traçar a personalidade do personagem principal. Através da análise do seriado buscamos desvelar o modo como a droga é vista, problemática que ganha uma dimensão cada vez mais múltipla e heterogênea. Nosso intuito é desvelar a emergência de novos discursos acerca de uma questão antiga e analisar até que ponto eles indicam índices de ruptura ou continuidade a partir de um pensamento vigente.

Palavras-chave: drogas; corpo; dor; percepção; discurso.

Abstract: The paper examines the television series *House M.D.* seeking to show how the construction of a drugged body is essential to trace the main character's personality. Through analysis of the series we seek to reveal the way the drug is seen, an issue that gains a dimension increasingly diverse and heterogeneous. Our aim is to reveal the emergence of new discourses about an old question and analyze the extent to which indicate rates of rupture or continuity from one thought in vogue.

Keywords: drugs, body, pain, perception and speech.

¹ Aluna de graduação do curso de Comunicação Social da ECO-UFRJ e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-ECO UFRJ), e-mail: liviacsalles@gmail.com.

² Professor Doutor do curso de Comunicação Social da ECO-UFRJ e da ECO-PÓS. Tutor do Programa de Educação Tutorial (PET-ECO UFRJ), e-mail: mohahajji@gmail.com.



1. Introdução

O debate em torno da problemática das drogas na atualidade tem superado barreiras e fugido dos lugares-comuns em que se construía. Paulatinamente, consolida-se a idéia de que o uso de drogas se insere em uma ampla gama de temáticas e perspectivas, que vão desde o universo da psicologia até o nível de uma verdadeira questão política, onde o corpo se afirma como variante no processo de confluência de forças e pulsões que movimenta a sociedade atual. Ter o corpo enquanto *locus* principal da análise política sobre o uso de drogas só se tornou possível após uma série de alterações sociais e cognitivas que se influenciaram mutuamente: a modernização da percepção e a emergência do problema da atenção, principalmente em sua relação com a modernidade “hiperestimulante” (SINGER, 2004, p. 95).

Em ordem de posicionar tal construção teórica como uma dinâmica presente no panorama cultural dos dias de hoje, escolhemos analisar os episódios da série americana de televisão “House”, na qual o foco de estudo esteve em cima do personagem principal: Gregory House, um brilhante médico que após um infarto muscular na perna passou a viver com crônicas dores e assim desenvolveu o hábito/vício de consumo de Vicodin, um narcótico a base de ópio.

A partir da análise de episódios onde o problema da droga é central torna-se possível delinear o vínculo da problemática do uso/abuso de narcóticos com a construção da personalidade desse personagem central, bem como elucidar as razões ontológicas e filosóficas que convergem para a perspectiva de que o consumo de drogas na série não tem uma dimensão de busca pela libertação e pelo divergente, mas sim de que se trata de uma decisão que envolve o corpo em uma estância política.

Traçaremos uma linha de raciocínio cuja atenção está nas questões psicológicas do médico, assim como em seus processos de interação social e intelectual com o mundo, fluxo o qual não pode ser pensado alienando-se à materialidade física do corpo. O eixo central, apesar

de complementar uma série de outros fatores na vida do médico, constrói-se em cima da importância e habilidade que ele possui para desvendar mistérios da medicina. Uma vez desenvolvido tal raciocínio, torna-se possível entender a necessidade de construção de um Corpo Drogado.

2. Uma análise da percepção: o corpo enquanto influência

A série “House” constrói-se em grande parte em torno dos problemas físicos do médico Gregory House. Seu corpo, influenciado, é claro, por uma série de fatores de caráter psicológico, pode ser visto praticamente como um personagem do seriado, tamanha a atenção que lhe dão. Em torno dele edificam-se elementos essenciais para a compreensão da figura ontológica de House, com todas as suas peculiaridades e práticas sociais hostis, bem como sua inteligência e o valor central que esta possui em sua vida. Desvendar os mistérios de seu corpo, quase que como um exercício que o próprio médico realiza em seus pacientes, revela muito mais do que a dimensão superficial da droga enquanto ferramenta de escape e libertação, permitindo que vejamos que, na verdade, a droga em House tem menos um sentido negativo de fuga do que um sentido positivo de *neutralização*. A droga e o seu uso representam uma força que se manifesta no sentido de garantir um *dispositivo de inércia*, ou seja, assegurar a continuidade e evitar rupturas.

Para que possamos analisar a perspectiva do corpo enquanto variante determinante no processo de construção da série, primeiro é necessário estabelecer o fator-chave que baseia tal importância: a questão da percepção. Pensando nas relações entre corpo, processo lógico de raciocínio e ferramentas de atenção, é necessário que elucidemos a noção de *modernização da percepção*, traçando assim a sua importância para a emergência do corpo enquanto influência do processo de absorção de estímulos. A base teórica utilizada no presente estudo remete à Jonathan Crary, autor do livro *Techniques of the Observer: on vision and modernity in the nineteenth century* (1990).

De acordo com o autor, a partir da segunda metade do século XIX os seres humanos experimentaram o início de um processo de mudança no modo como viam a si mesmos e seu sistema sensorio, isto é, como se organizava sua estrutura perceptiva. Crary se utiliza da análise de diferentes tecnologias de visão para elucidar as bases em que se sustentava o *observador* na modernidade: a câmera obscura e o estereoscópio. Não se trata aqui de estabelecer uma força tecnologicamente determinista e sim de contemplar parte da realidade social da época e estendê-la a uma noção mais geral. Ambas as ferramentas, portanto, podem e devem ser encaradas como símbolos de sistemas epistemológicos distintos que permearam os processos cognitivos de suas respectivas épocas e possibilitaram a releitura de uma enorme série de conceitos trazidos de séculos passados, cuja mutação foi essencial para o surgimento ou invenção da noção de *modernidade*.

Um dos desenvolvimentos mais importantes na história da visualidade no século XIX foi o surgimento, relativamente repentino, de modelos de visão subjetiva em uma ampla gama de disciplinas, mais exatamente no período de 1810 a 1840. No espaço de poucas décadas, discursos dominantes e práticas de olhar efetivamente romperam com um sistema clássico de visualidade e fundamentaram a verdade da visão na densidade e materialidade do corpo (CRARY, 2004, p. 67)

O raciocínio de Crary sustenta que antes a percepção era baseada no modelo da câmera obscura. Tal sistema permeia uma noção altamente objetiva de observação, baseada em um processo de absorção estanque da realidade exterior. Para inúmeros cientistas da época, tais como Descartes e Newton, a razão era responsável por dar luz ao meio externo e permitir assim que o sujeito enxergasse objetivamente o mundo ao seu redor, prescrevendo um modelo de “representatividade absoluta dos objetos de mundo” (SAINT CLAIR, 2007, p.42) em uma perspectiva altamente mimética.

A partir do século XIX, porém, esse modelo foi lentamente sendo superado, principalmente, em função das relações econômicas perscrutadas pela lógica capitalista de mercado.



Desenvolve-se então um esquema de visualidade onde o olho humano passa a ser peça-chave para o estabelecimento do processo: o esquema epistemológico que tem como base o estereoscópio. A noção de observação passa a conter alto grau de subjetivação, uma vez que é diretamente influenciada pela constituição física do corpo do sujeito que observa.

Tal ruptura no modelo de visualidade é representativo da corporificação do processo da visão elevando o corpo ao mesmo patamar de importância da razão. Ele passa a ser encarado como elemento de estudo no contexto de compreensão do fluxo perceptivo, o que se traduz pela emergência da fisiologia enquanto importante área de conhecimento.

O reconhecimento do corpo como fator influente nos processos de observação e análise é essencial para a construção do Corpo Drogado na série “House”. É necessário entender que para o médico a perspectiva de um corpo que não influencie os processos lógicos e racionais necessários à sua profissão é impensável. Isso é nítido em uma série de episódios onde o brilhantismo intelectual do personagem varia ou é posto em voga de acordo com suas condições físicas.

Tal variação é compreensível visto que ele sente dores físicas crônicas. Porém, o modo com que House lida com a dor e a maneira na qual o discurso que a permeia é construído pelo próprio deixa claro que ele se define ontologicamente por ela, ou seja, como se toda sua essência formadora dependesse das variações de sua intensidade. A influência do corpo nos mecanismos do raciocínio médico de House pode ser vista em inúmeros episódios e se mede por um fator: o uso do Vicodin. É através das variações de intensidade do consumo da droga que podemos ver como o médico pensa a sua própria dor e se *determina* por ela, elevando-a ao patamar de pilar constitutivo de sua identidade.

A noção de que “House é a dor” estabelece um intenso diálogo com a idéia de que “House é a droga”, e em muitos aspectos ambas as assertivas assumem papéis praticamente

equivalentes. Definir o médico como um ou outro se tornou uma situação constante de alter-nância, imposta na maioria das vezes não pelo julgamento dos outros sobre ele, mas sim pelo julgamento de House sobre si próprio. A idéia de que o médico possa ser definido pela dor ou pela droga é exposta quase sempre através de sua própria negação por terceiros, como se House insistisse em difundir a noção de que sua genialidade é profundamente influenciada pela dor e, portanto, dependente da droga e fossem os *outros* que afirmassem o contrário. Apesar da confiança e segurança demonstrada por House, vemos através de sua relação dialética com seus amigos o fato evidente de que ele mesmo se *define* em termos ora de dor, ora de droga, em uma configuração separada ou em uma unidade.

Para constatar isso dois episódios são essências. Primeiro, o episódio “Feliz Natal” (Ep. 10 – 3ª Temporada). Nele, House está sendo perseguido por um policial que objetiva prendê-lo por praticar medicina sob o efeito de narcóticos. A diretora do hospital, Lisa Cuddy, passa a controlar o número de pílulas que ele ingere. Em uma conversa entre Wilson, melhor amigo de House, e Tritter, o policial, este último deixa claro o porquê de perseguir o médico: “*Pílulas não fazem de House um gênio. O que ele faz com as pílulas ele faz sem elas, ele só não quer tentar*”.³ Já no episódio “O lado suave” (Ep. 16 – 5ª Temporada) em uma conversa com Cuddy, ela diz: “*Você não precisa da dor para ser um bom médico*”.⁴

Analisando ambos os fragmentos de diálogo podemos constatar além da definição ontológica de House pela dor e/ou droga, o fato de que todo esse universo simbólico gira em torno de um elemento essencial: a intelectualidade médica de House. Ambas as definições convergem para este ponto e são medidas por ele. Vemos assim, que a construção do discurso em torno da problemática dor/droga na verdade é edificada em uma característica identitária ainda mais importante. Tal noção é crucial para que possamos desenvolver mais a frente a perspectiva de construção política e *neutralizadora* do Corpo Drogado.

³ HOUSE, MD. Produção de David Shore. Estados Unidos: Fox, 2006. Ep. 10 – 3ª Temporada. Televisão

⁴ HOUSE, MD. Produção de David Shore. Estados Unidos: Fox, 2009. Ep. 16 – 5ª Temporada. Televisão

3. A questão da atenção e o cenário moderno de “hiperestimulação”

Junto com o novo status do corpo emergem uma série de discussões psicológicas a respeito do corpo e da neurologia. O próprio Jonathan Crary desenvolve uma noção moderna de atenção. Para o autor muitos tópicos de discussão no século XIX giraram em torno da noção de “atenção” enquanto “o local de observação, classificação e mensuração, e, portanto, o ponto ao redor do qual muitos conhecimentos foram acumulados” (CRARY, 2004, p.70). Crary desenvolve a perspectiva de que a atenção contém em si mesma um potencial de desintegração. Ela é vista, portanto, como um fluxo altamente variante, onde o ápice da capacidade de foco e o limite para a perda do mesmo, ou seja, a entrada num campo sensorial de distração, são divididos por uma linha muito tênue. Vemos assim que,

a atenção e a distração não eram dois estados essencialmente diferentes, mas existiam em um único continuum, e a atenção era, portanto, como a maioria cada vez mais concordou, um processo dinâmico, que se intensificava e diminuía, subia e descia, fluía e refluía de acordo com um conjunto indeterminado de variáveis. (CRARY, 2004, p. 73)

Entender a importância da atenção na modernidade é crucial. Vivemos em meio a um campo de intenso potencial *estimulativo*. Walter Benjamin, Georg Simmel e Siegfried Krauer centraram-se em uma noção de modernidade que gira em torno da perspectiva neurológica. Ben Singer desenvolve essa corrente em seu ensaio *Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular* (2004). Os três abordavam a questão da atenção com base na absorção mental de estímulos, o que deu margem para a abertura de novas especulações acerca dos impactos neurológicos da modernidade, responsável pela emergência de um mundo

fenomenal – especificamente urbano – que era marcadamente mais rápido, caótico, fragmentado e desorientador do que as fases anteriores da cultura humana. [...] A metrópole sujeitou o indivíduo a um bombardeio de impressões, choques e sobresaltos. (SINGER, 2004, p. 96)



A modernidade, portanto, dialoga com o surgimento de um cenário de *hiperestímulo*, onde a noção de atenção torna-se elemento essencial para a manutenção de um universo simbólico coeso e integrado. Além disso, em muitos aspectos a capacidade de concentrar-se se tornou essencial para a sobrevivência em tal meio excessivamente conturbado, uma vez que o poder de síntese depende do desprendimento de um campo amplo de sentidos e o foco em um fragmento dessa dimensão maior. Assim, vemos que a atenção é a ferramenta que permite o *gerenciamento do caos*, a organização e o controle sobre a absorção dos estímulos. Essa absorção é estritamente sensorial e, portanto, dependente do corpo. Tendo em vista o aspecto de desintegração como cerne da própria essência constitutiva, a atenção ganha status de elemento de estudo, o qual precisa ser testado e trabalhado em ordem de se lograr uma potencialização de seus poderes através da adoção de um conjunto de práticas que incidam sobre a materialidade corporal.

O problema da atenção/distração é artefato de grande importância no seriado “House”. O médico é a tradução do que podemos definir como *gerenciador do caos*. Em sua profissão, House consegue sintetizar uma série de informações e organizá-las semanticamente dentro de uma unidade lógica, encontrando assim a solução dos mistérios médicos. A medicina diagnóstica é praticamente o único assunto que consegue fixar a atenção de House, principalmente, pelo seu caráter de desafio. O médico só lida com casos raros e possui uma capacidade de foco incrível, notando cada detalhe, cada ausência e cada movimento em ordem de desvendar qualquer enigma que cruze a sua mente.

Vimos, porém, que a atenção passou a ser diretamente relacionada à materialidade física do ser humano. E aí reside outra assertiva essencial para a compreensão de *construção* do Corpo Drogado em House: o médico acredita que a dor mina seu potencial de atenção e não permite que ele faça seu trabalho da forma que é capaz, utilizando toda sua potência armazenada. O uso da droga, portanto, assume um aspecto muito mais de correção e aperfeiçoamento



do que a noção amplamente difundida pela mídia e os veículos de comunicação, ou seja, a formação de corpos drogados destrutivos a si mesmos.

4. A construção do Corpo Drogado e seu valor político

A construção do Corpo Drogado em House é muito diferente da experiência da droga enquanto mecanismo de libertação. A droga, geralmente tida como elemento de contradição, divergência e ação que se manifesta num sentido de contra-força ao que é convencional, é vista aqui a partir de uma perspectiva muito diferente no processo de estabelecimento e transformação do corpo de House em um Corpo Drogado. Tal processo acaba por constituir-se em um conjunto de práticas corporais que serve a um único propósito: a manutenção de uma estrutura de ação e pensamento.

É necessário analisar a questão da droga em House como dinâmica de um processo de manifestação política da escolha. A força primeira que leva House ao uso das drogas é racional e explica-se a partir do momento que o estado do corpo drogado quando posto em conflito com o corpo físico convencional, suscita em House uma série de interrogações que o levam a definir prioridades.

Como vimos anteriormente, para House sua inteligência é sua característica mais importante, sua essência e a qual faria de tudo para preservar. É a partir dessa constatação que se delineia a importância central da dor e da droga. Tendo House a idéia de que sua principal característica identitária é o seu intelecto, e sendo esse intelecto baseado em seus mecanismos de percepção e atenção os quais, minados pela dor na perna reivindicam a droga para que o corpo se mantenha neutro permite que entendamos a experiência da droga como uma prática cujo resultado procurado é prioritariamente o de aperfeiçoamento perceptivo.

Após o acidente, o médico começou a enxergar ou idealizar que a dor na perna minava sua capacidade perceptiva e em muitos aspectos, portanto, sufocava sua identidade. A droga, dessa forma, surge como uma tentativa de *neutralizar* seu corpo, como se objetivasse deixá-lo no marco zero, uma vez que a dor era uma força negativa. O uso dos narcóticos, portanto, é a contra-força de sentido oposto e positivo que objetiva anular a dor em House e assim possibilitar que ele se torne um organismo funcional cuja percepção se mantém intacta.

Um exemplo bem elucidativo desse aspecto está no episódio “Desintoxicação” (Ep. 11 – 1ª Temporada)⁵. House diz a Cuddy que não se viciou nas drogas e aposta com ela que conseguiria ficar uma semana sem o Vicodin e estabelece: *“as pílulas não servem para me deixar alto, e sim, neutro”*. Tão logo a aposta se inicia, House entra em processo de desintoxicação e começa a sofrer os efeitos colaterais da abstinência, assim como a dor na perna. Sua capacidade intelectual começa a ser questionada por si mesmo e pelos outros e ele acaba tomando algumas decisões erradas quanto ao paciente que estava cuidado. A própria equipe parece acreditar que ele não é funcional sem as drogas. O caso é resolvido, mas com muitas dificuldade e os espectadores não sabem se House trapaceou ou não na aposta.

House admite estar viciado para Wilson, mas o que se segue é crucial para que entendamos as drogas enquanto práticas de um processo de escolha. House diz: *“Eu disse que era viciado, mas não disse que era um problema. Pago as minhas contas, faço a minha comida, eu funciono.”* Wilson acusa House de ter mudado e que essa mudança não seria somente pela perna, seria também pelas pílulas. House se limita a responder: *“as pílulas me permitem trabalhar e aliviam a minha dor”*. Vemos então que a questão central para House gira em torno de seu trabalho e de sua habilidade médica, o que significa que contanto que tal característica se mantenha inalterável, o resto não importa.

⁵ HOUSE, MD. Produção de David Shore. Estados Unidos: Fox, 2005. Ep. 11 – 1ª Temporada. Televisão



Tal diálogo nos permite ver como a formação de um Corpo Drogado permite o levantamento de uma nova série de questões acerca do Corpo Convencional, pondo em voga paradigmas. Pensar que um Corpo Drogado pode suscitar uma maior funcionalidade está contrário a noção, por exemplo, que Baudelaire desenvolve no livro *Poema do Haxixe* (1996), na qual defende a idéia de que por mais que a droga sirva para potencializar a inteligência ela inibe a vontade e, portanto, torna o corpo improdutivo. Noção essa que é altamente difundida nos meios de comunicação, principalmente com as inúmeras manifestações em prol da legalização da maconha. Em um primeiro momento, House contradiz tal perspectiva ao estabelecer que as pílulas, além de não alterar em nada suas ações cotidianas, permitem que ele faça o seu trabalho, ou seja, lhe dão a capacidade de ser produtivo.

Mantendo a mesma análise, é necessário destacar mais uma vez o episódio “O lado suave”. Nele House passa a fazer uso de uma nova droga, a Metadona, mais forte e mais perigosa do que o Vicodin. Com muita relutância, Cuddy aceita que ele use um medicamento tão perigoso e passa a ajudar que ele controle o consumo para evitar qualquer deslize. A Metadona não atenua a dor de House, ela a elimina por completo. Seu humor muda, ele passa a se tornar mais relapso, deixa de notar uma série de eventos e muda o modo como lida com as pessoas. Tal mudança de comportamento acaba provocando que ele cometa um erro no diagnóstico e acabe atrasando em muito a solução do caso. Tudo acaba se resolvendo, porém no final do episódio, quando Cuddy aparece em sua sala para dar-lhe o remédio, ele diz que não irá tomar porque havia cometido um erro no caso, por estar de ótimo humor com a ausência da dor. Como já vimos Cuddy lhe diz que ele não precisa da dor para ser um bom médico, mas ele ainda se recusa a tomar o novo medicamento. Ela constata então: “*Você tem medo da mudança. A única coisa que tem é sua inteligência e acha que se isso estiver comprometido não restará nada.*” Ele se mantém calado, joga o remédio no lixo e vai embora dizendo: “*Esse é o único eu que você pode conseguir*”.

Vemos com a análise desses dois episódios, a quantidade de escolhas que contestam o uso da droga. Primeiro, a escolha entre aceitar sua condição de viciado e todos os efeitos colaterais que dele advém *versus* a droga e, portanto, para ele, a manutenção de seu regime de percepção e ação. Depois, a possibilidade de se ver definitivamente livre da dor *versus*, novamente a possibilidade de comprometer sua capacidade perceptiva. Nas duas, House opta por uma coisa: garantir que seu intelecto permaneça inalterado. Essa sim é a variável essencial. House não deve ser definido em termos de droga ou de dor, o que o limita, é a importância que ele atribui intelectualidade médica, um dos principais atrativos no qual se edifica a série.

Baudelaire (1996) acreditava que o uso da droga é um modo de se utilizar o corpo para fugir dele, o que, de fato, acontece em House. Usar o Vicodin é um modo de forçar um equilíbrio não-natural e assim trabalhar o corpo a um nível que chegaria praticamente a negá-lo. A droga não assume um aspecto de ferramenta libertadora, ela assume o papel de força de inércia, à medida que mantém o corpo no que House considera ser um estado *ótimo* de percepção. Ele constrói o que Baudelaire (1998) chama de Paraíso Artificial por meio do uso do Vicodin, uma vez que induz um estado

5. Conclusão

House e sua profissão são em muitos aspectos diretamente influenciados pela questão da dor e da droga e é compreensível que sejam, mas muito da importância que o próprio personagem dá a esse fato advém de características psicológicas. Sua dor parece sempre ser intensificada com a ocorrência de algum evento em sua vida pessoal, o que acaba demandando a ingestão de mais pílulas. Como Wilson mesmo disse, o acidente, a dor e a droga mudaram House. Mas o que parece é que ele coloca todos os problemas de ordem mental, emocional, relacional, no mesmo pacote: tudo é culpa da dor. Vemos assim, uma forte tendência a *biologização* de uma série muito variada de fenômenos.

Por mais que as drogas sejam usadas pelo personagem como força neutralizadora que tem a capacidade de simular um estado corporal aparentemente pré-acidente, a série deixa aberta a possibilidade, como vimos, de que House precisa de pelo menos uma parcela da dor para se manter completamente focado. A dor, na medida certa, é o que ajuda House a alcançar um estado *ótimo* de atenção. Tal perspectiva se insere perfeitamente na forma como Crary entende a atenção: um fenômeno volátil que contém “em si as condições para sua própria desintegração” [...] “assombrada pela possibilidade de seu próprio excesso” (op. cit., p. 72). E a droga recebe papel central justamente por que só ela é capaz de dosar, controlar e alcançar as medidas certas de dor e, portanto, atenção. É um auto-gerenciamento do corpo, como se ele fosse uma máquina que precisa de ajustes para ser perfeita.

A construção do Corpo Drogado em House está em sintonia com alguns sintomas da era farmacológica em que vivemos. É inegável que o médico ignora todo um impacto psicológico que a união do acidente, com a dor, as drogas e a profissão causa sobre ele. É muito mais fácil achar que tudo de errado resume-se ao problema da dor, porque para isso existe uma cura rápida e imediata: drogas. É como se House acreditasse que pudesse evitar o desprazer atingindo a dor física e ignorando outras dimensões. O psiquiatra Benilton Bezerra e muitos outros estudiosos identificam tal dinâmica como algo característico da nossa contemporaneidade:

até pouco tempo atrás o sentido geral das estratégias terapêuticas se organizava em torno da noção de que o sofrimento psíquico deveria ser tomado como um instrumento de transformação pessoal, por meio da elucidação e elaboração do sentido dos sintomas e dos conflitos inconscientes subjacentes a ele. Este entendimento, fortemente marcado por uma abordagem psicodinâmica, fenomenológica e existencial dos processos e estados mentais não desapareceu, mas vem se tornando marginal. Em seu lugar, tornou-se prevalente uma abordagem que privilegia a dimensão biológica dos fatos mentais. (2010, p. 128).

Essa mudança de paradigma produz novos discursos sobre o corpo, novas formas de encará-los. Óticas as quais nós evidenciamos estarem presentes em House neste artigo:

Neste quadro, idéias-chave como sofrimento, sentido, enigma, decifração, experimentação psicológica e transformação pessoal perdem sua influência normativa. Em seu lugar surgem outras, como dor, disfunção, explicação fisiológica e regulação das emoções e do comportamento. [...] A eficácia crescente dessas tecnologias tem tornado a regulação tecnológica da vida biológica, psíquica e social uma idéia que nos é cada vez mais familiar e palatável – o que se expressa não só na expansão continuada do consumo de tratamentos farmacológicos para transtornos, mas também no uso de substâncias químicas para aprimoramento da cognição e da memória. (*op. cit.*).

Uma análise superficial do seriado pode levar o espectador a acreditar que a droga é o eixo central em torno do qual giram as questões psicológicas e as práticas de sociabilidade que regem a vida do médico. Não é difícil perceber, no entanto, que a droga não é o elemento primeiro, mas sim um desenrolar de uma série de eventos, cujo pano de fundo é muito mais abrangente. Todas as ações de House são tomadas tendo um elemento em foco: sua inteligência médica. Sua necessidade de controle revela o medo da perda do que House considera um dos seus pilares identitários e constitutivos e pelo qual ele está disposto a sofrer todos os efeitos colaterais do vício no narcótico.

Entendendo essa dimensão mais profunda, torna-se possível desconstruir um discurso alienado sobre a droga, como se a substância em si tivesse um poder quase que autônomo de destruir vidas. O Vicodin não é a causa dos problemas de House, ele é uma das conseqüências de questões psicológicas mais profundas. O uso da droga reflete a insegurança do médico, evidenciando que os narcóticos devem ser encarados como uma manifestação e não como a raiz de diversas mazelas sociais. Colocar as drogas como eixo de gravidade impede que muitas questões sejam analisadas a fundo, pois ocorre uma redução do problema e o desvio do foco.

Analisar o seriado House tendo como foco a construção do Corpo Drogado do médico suscita novos elementos a respeito da droga que devem ser aprofundados para que possamos ter um enriquecimento do debate a respeito desse fenômeno que marca tão intensamente o



nosso tempo. Novos pontos de vista precisam entrar em jogo para que os discursos que transitam na esfera pública sejam atualizados e, dessa forma, possamos romper com estereótipos e estruturas de pensamento que já não condizem ou não são mais suficientes para o entendimento holístico da questão.

Referências bibliográficas

BAUDELAIRE, Charles. **O Poema do Haxixe**. Newton Compton: Rio de Janeiro, 1996.

_____. **Paraísos artificiais: o haxixe, o ópio e o vinho**. L&PM: Porto Alegre, 1998.

BEZERRA, B. “A psiquiatria e a gestão psicológica do bem-estar” In FREIRE FILHO, J. (Org.) **Ser feliz hoje**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

CRARY, Jonathan. “A visão que desprende: Manet e o observador atento no fim do século XIX” In: **O cinema e a invenção da vida moderna**. CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanessa (Org.). Cosac & Naify: São Paulo, 2004.

SAINT CLAIR, Ericson. **Por um Contágio da Diferença: Contribuições de Gabriel Tarde para a Teoria da Comunicação**. 2007. 112 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.

SINGER, Ben. “Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo” In: **O cinema e a invenção da vida moderna**. CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanessa (Org.). Cosac & Naify: São Paulo, 2004.